



SAIBA COMO PARTICIPAR

05 3255 6104
FAX
85 3255 6139

opinio@opovo.com.br
www.opovo.com.br

Av. Aguanambi, 262
Joazeiro Távora
CEP: 60055-402

Deixe sua opinião
nos nossos blogs
www.opovo.com.br/blogs

@opovoonline
www.facebook.com/opovoonline

PÁGINA 6 O POVO
FORTALEZA - CE, TERÇA-FEIRA - 29 DE JANEIRO DE 2013

EDITORIA-EXECUTIVA: Manoella Monteiro | opiniao@opovo.com.br

EDITORIAL

Os planos de saúde e a cobrança indevida de parto assistido

A polêmica aberta pela cobrança de um valor adicional indevido pelo parto de beneficiárias de planos privados de saúde continua sem solução, apesar do protesto dos usuários. A posição assumida pela Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS) de exigir das operadoras a mudança dos contratos com os obstetras para que a cobrança aos pacientes possa ser efetuada é ambígua e não resolve o problema.

As operadoras têm a obrigação de prestar o serviço contratado. A falta de clareza nos contratos com os obstetras cria brechas para as cobranças que estes estão fazendo às gestantes. Não tem sentido orientações que defendem uma negociação prévia entre paciente e médico (isso é uma fuga da responsabilidade de ser assumida pelas operadoras), pois o usuário está sempre fragilizado ante as condições impostas pelos profissionais. Estes, por sua vez, podem ter razão quando dizem que a remuneração recebida não contempla a disponibilidade a que ficam obrigados para atender à realização do parto na hora em que este se der.

O fato é que a parturiente tem o direito elementar de ser assistida na hora do parto pelo mesmo obstetra que a acompanha desde o pré-natal. Isso é imprescindível tanto para a segurança do serviço — já que

O inaceitável é que esse adicional seja cobrado da parturiente e não da operadora de saúde

o profissional conhece com detalhes todo o processo da gestação — como para a tranquilidade da paciente. Num momento de tanta fragilidade psicológica é importantíssimo que a parturiente saiba que está em mãos conhecidas. A insegurança de ser atendida por um desconhecido (plantonista ocasional) tem consequências danosas, do ponto de vista psicológico. Além, esse direito deve ser garantido também à parturiente assistida no sistema público.

Em suma, tanto tem razão as parturientes que exigem ter o parto realizado pelo profissional de sua confiança — sem pagamento adicional — como, ao que tudo indica, os obstetras contratados pelos planos de saúde quando exigem um adicional para cobrir o tempo em que ficarão disponíveis obrigatoriamente. O inaceitável é que o adicional seja cobrado da parturiente e não da operadora do plano de saúde, pois se trata de obrigação da empresa. É isso que a ANS deve exigir.

Comente nosso editorial
opinio@opovo.com.br

CHARGE DO CLAYTON



Comente a charge:
charge@opovo.com.br



ARTIGOS

Secas no Ceará

Adisjá Sá
adisja@gmail.com



Jornalista

Um dos assuntos dominantes na nossa imprensa é seca. E os prognósticos sobre inverno neste ano não têm unanimidade da parte dos "profetas": há os que são otimistas, ao contrário de outros mais cautelosos. Sobre o assunto, a Fundação Cearense de Meteorologia e Recursos Hídricos (Funcem) informa que o prognóstico oficial para as chuvas deste ano deverá sair no próximo mês (dia 23). Até lá vamos atentar para o que os "profetas" disseram no encontro de Quixadá ou seja, "inverno" moderado — para alguns e "rigoroso" para outros.

Notícias que nos chegam do Interior são preocupantes, como essa que veio de Quixadá: "criadores alimentam gado com mandacaru". A falta de condições de

produzir alimentos para os animais e a forragem, cara, restando aos criadores o caminho de usar uma das alternativas, ou seja, pedações de mandacaru sem espinhos". (Alan Santiago, O POVO, edição de 9/1/2013).

Nós, cearenses, embora tenhamos uma longa história de seca, nunca estamos preparados para com ela conviver, pelo contrário, a cada tragédia novas lições, mais sofrimento, êxodo (não tanto, agora, como há tempos).

A oportunidade é propícia para a leitura de uma obra única no gênero: História das Secas (séculos XVII a XIX) de Joaquim Alves, editado pela Fundação Waldemar de Alcântara. Vejamos o que ele escreveu: cinco vezes no século XVIII a seca manifestou-se com toda sua intensidade no Nordeste, atingindo o Ceará impiedosamente. "Não só morreram numerosas tribos indígenas como os gados e até as feras e as aves se encontravam mortas por toda parte." (paráfrase do Senador Pompeu).

As secas responderam por emigrações desde o período colonial: "os índios fugiram, os colonos seguindo o mesmo destino. (as serras), procuravam nelas abrigar-se, onde a água era abundante e a terra proporcionava recursos fáceis".

A despeito das tragédias climáticas, o Ceará "ocupava o primeiro lugar em população, número de fazendas e engenhos", uma prova, para mim, da coragem de nossa gente no enfrentamento de situações adversas, traço transmitido ao longo do tempo por nossos ancestrais.

Os nossos dias, marcados pelo progresso na Capital e no Interior, nos levam a não pensar no que passaram, sofreram e lutaram os nossos antepassados para nos garantir o hoje que temos... Lelam História das Secas e honrem a memória dos que nos antecederam e nos deram o presente que usufruímos.

ESCREVE ÀS TERÇAS

Fala, cidadão

O cachê de Ivete Sangalo

Convenhamos: R\$ 650 mil por uma única apresentação é exorbitante. Se dividirmos esse valor por 12, teríamos uma quantia mensal superior a R\$ 54 mil, o que, em termos salariais, está bem acima do maior salário do setor público. No país das desigualdades, eis aí mais um caso exemplar. Coberto de razão está o procurador Gleydson Alexandre ao contestar judicialmente tal abuso. Afinal, em um estado carente como é o Ceará, aplicar custos tão elevados para pagar uma artista é dar uma bofetada nas milhares de pessoas carentes que não ganham sequer um salário mínimo por mês para sobreviver. Senhor governador, reflita sobre este ato iníquo e não volte a repeti-lo!

Cláudio César Magalhães Martins,
Fortaleza-CE

Obras do Acarúrio Ceará

Basta ver os comentários sobre a construção desse Acarúrio Ceará que percebemos que grande parte dos cidadãos fortalezenses são contra a referida construção. Existem coisas mais importantes para ser cuidadas, além disso, o dinheiro do povo e é o povo que sabe o que é melhor para nossa cidade.

Barbosa. Via Fale com a Editora

Fiscalização nas boates

Internetas comentam no Facebook O POVO Online a matéria "Fiscalização de Fortaleza faz reunião para aumentar fiscalização de boates".

É preciso que os próprios frequentadores tenham uma mínima noção das normas de funcionamento também, para poder denunciar o que estiver errado. Não podemos esperar tudo das autoridades, a sociedade é feita por todos nós e também somos responsáveis.

Rubens Ribeiro

A maioria das boates de Fortaleza, pelos menos as que eu já frequentei, é como a Kiss, em Santa Maria. Ainda bem que aqui nunca houve nada, mas se ocorrer provavelmente não seria diferente. Os órgãos públicos de todo o País devem se mobilizar para promover ações que possa minimizar os males nessas casas.

Juliana Mota

Fin do pedágio sobre o Rio Ceará

Até concordaria com a cobrança do pedágio se nos dessem de volta, no pedágio da estrada que vai até o encontro com a estrada do Icarai iluminação decente, policiamento, telefones de emergência e, claro, um asfalto de qualidade. Se não for assim, melhor mesmo acabar com essa cobrança.

Gustavo Silva Jr. Comentário no Facebook O POVO Online em matéria "Previdência da Câmara propõe fim do pedágio da ponte sobre o rio Ceará"

O POVO

FORTALEZA EM 14 ANOS DO SEU PRIMEIRO ANO DE FUNDAÇÃO

Presidente e Editor: José Roberto Damasceno

Diretor Institucional: Fábio Barchuck

Editor-geral: Valdemar Mendes

Diretor Geral de Conteúdo: Alton Brito Neto

Redação: Cláudio César Magalhães, Erick Guimarães, Assessor de Comunicação: Jairo Leal

Diretor Geral de Estratégia: Joazeiro Távora

Conselho Editorial: Manoella Monteiro

Mercado Livre: Vitor Chagas

Inteligência de Mercado: Sérgio Távora

Clayton: Cláudio César

Diretor Geral de Operações: André Augusto de Araújo

Administração e Finanças: Cláudio Pereira

Tecnologia da Informação: Cláudio Pereira

Contabilidade: Bruna Aguiar

Conselho Editorial: Cláudio César, Cláudio Ferreira Lima, Darlyne Brito de Moraes, Evandro Soares, Fabrício Nê, Francisco José de Almeida, Léo Vilela, Maria Lúcia Rocha Durães, Marcondes Oliveira, Paulo Gonçalves, Paulo Henrique Santana, Paulo Távora, Simone Paiva, Roberto Macêdo, Sérgio Ernandes, Simone Souza, Valdemar Mendes e Wilson Crisp Durães

Endereço: Avenida Carli

GALERIA DE PRESIDENTES DO O POVO



ATENDIMENTO AO LEITOR E ASSINANTE: 3254 1010

CALL CENTER ATENDIMENTO@OPOVO.COM.BR

ORÇAMENTO: 325 6139. E-mail: atendimento@opovo.com.br

DISTRIBUIÇÃO EXCLUSIVO EM BRASÍLIA

Atuação: Rua do Comércio, 100 - Centro - Brasília DF - CEP: 70000-000 - Brasília, DF

Atuação: Rua do Comércio, 100 - Centro - Brasília DF - CEP: 70000-000 - Brasília, DF

Atuação: Rua do Comércio, 100 - Centro - Brasília DF - CEP: 70000-000 - Brasília, DF

Atuação: Rua do Comércio, 100 - Centro - Brasília DF - CEP: 70000-000 - Brasília, DF

Atuação: Rua do Comércio, 100 - Centro - Brasília DF - CEP: 70000-000 - Brasília, DF

Atuação: Rua do Comércio, 100 - Centro - Brasília DF - CEP: 70000-000 - Brasília, DF

Atuação: Rua do Comércio, 100 - Centro - Brasília DF - CEP: 70000-000 - Brasília, DF

Atuação: Rua do Comércio, 100 - Centro - Brasília DF - CEP: 70000-000 - Brasília, DF

Fortaleza, cidade trans?

Elias Ferreira Veras
eliasistoria@yahoo.com.br



Historiador

Certamente, seria um exagero afirmar que a cidade de Fortaleza é uma cidade trans. Afinal, o machismo e a homofobia enraizados no cotidiano logo desmentiriam tal afirmação. Contudo, as múltiplas práticas que constituem o universo trans (Travestis, transexuais, transgêneros, drag queens) assumem uma visibilidade significativa na capital do Ceará. Esta visibilidade, por sua vez, tem se apresentando de modo diferenciado na contemporaneidade, uma vez que as experiências trans vêm ultrapassando os territórios marginalizados e (re)significando os corpos estigmatizados, visto a emergência de discursos recen-

tes tão diversos quanto às próprias vivências dos sujeitos que transitam entre os gêneros. Aproveito o simbolismo do dia 29 de janeiro, Dia Nacional da Visibilidade Trans, para traçar breve e incompleto inventário da produção local que elege a transvestibilidade como questão central. Refiro-me, por exemplo, aos documentários Travessias: Travestis e transformistas em Fortaleza (2010), de Jack de Carvalho; Jantina Dutra: uma dama de ferro (2011), de Wagner de Almeida, pela ONG Grabs; Cinema Cara Dura e O Voo da Beleza (2012), de Alexandre Fleming Vale; e aos produzidos desde os anos 2000 pela ONG Fábrica de Imagens (Di Polly, Salto Alto, Também sou teu povo, Dona Leo).

Lembro as peças/performance do coletivo As Travestidas (no momento, o Grupo Bagaceira de Teatro está em cartaz com a mão na face) a música do

grupo Verônica Decide Morrer; os shows de transformistas, de travestis e de drag queens que acontecem na boate Divine, no centro da cidade.

No campo acadêmico, as pesquisas do antropólogo Alexandre Fleming Vale, que originaram os documentários citados; as dissertações de Juliana Gadelha e de Jander Nogueira, respectivamente, Masculino em mutação e A saga da beleza, o livro Ela é o show, de Juliana Justa, e a tese Travestis na escólia, Luma Andrade.

Esses trabalhos/performance, caledonscopios que irradiam criatividade de, reflexividade e poesia, são convites para que possamos olhar as experiências dos sujeitos que transitam entre os gêneros além do preconceito e do estigma. São linhas que traçam a cartografia de uma cidade em transformação.